

Entre pecado e doença: a sexualidade (?) dos corpos humanos “Imaturos”

Georgia de Souza Tavares

Resumo: Este trabalho objetiva entrelaçar história e ensino de ciências para tecer a rede discursiva que sustenta os ditos sobre sexualidade dos corpos reprodutivamente não aptos. Para isso, tomamos como empiria o livro didático utilizado na rede municipal de Ensino de Parnaíba – PI em 2019, mais especificamente o livro do 8º ano do Ensino Fundamental. O livro aqui discutido é dividido em 4 unidades onde estão distribuídos os sistemas que nos ‘compõe’. É assim que o que é considerado saudável, aparece a ligação obrigatória de sexualidade à reprodução. Logo, sexualidades são marginalizadas e colocadas como necessitadas de correção e ciência e escola são chamadas para outorgar a sexualidade ‘correta’, aquela direcionada para a reprodução. Assim, a reprodução é vista como a teleologia involuntária da vida. Mas a estrutura também tem suas capacidades latentes. Construída para uma coisa, pode fazer outras. Nessa flexibilidade residem a confusão e a esperança de nossas vidas.

Palavras chave: ensino de ciências, sexualidade, infância, adolescência, escola

Introdução

O aparelho reprodutor dos seres humanos fica apto à reprodução em uma fase da vida que se chama adolescência, o que acontece, aproximadamente, por volta dos 10 ou 12 anos de idade. É quando dizem que o sistema está 'maduro', com as características anatômicas e fisiológicas apropriadas para a concepção e formação de uma nova vida. Precisa ter seios com glândulas mamárias desenvolvidas (possibilitando a amamentação); aumento no tamanho do quadril (para a passagem do feto); produção do esperma; liberação dos ovócitos primários. A forma e a função deste corpo é que dará o aval para a reprodução. E para a sexualidade? Quem ou o quê autoriza sua vivência?

Se essa é a configuração do corpo que pode se reproduzir, então na infância o tripé ainda não se estabeleceu. A **forma** do corpo ainda não é a adequada para exercer a **função** da **reprodução**. Só com o corpo formado, órgãos maduros, aptos, é que a sexualidade passa a ser autorizada, o que acontece apenas na puberdade. Por tanto, é na adolescência que vem a chancela da biologia para que o ser humano possa, enfim, vivenciar a sexualidade. E não é qualquer coisa que será permitido, apenas as práticas direcionadas por uma reprodução correta. Seguindo essa linha de raciocínio este trabalho objetiva entrelaçar história e ensino de ciências para tecer a rede discursiva que sustenta os ditos sobre a sexualidade dos corpos que ainda não estão reprodutivamente maduros. Para isso, tomamos como empiria o livro didático utilizado em toda rede municipal de Parnaíba – PI durante o ano de 2019.

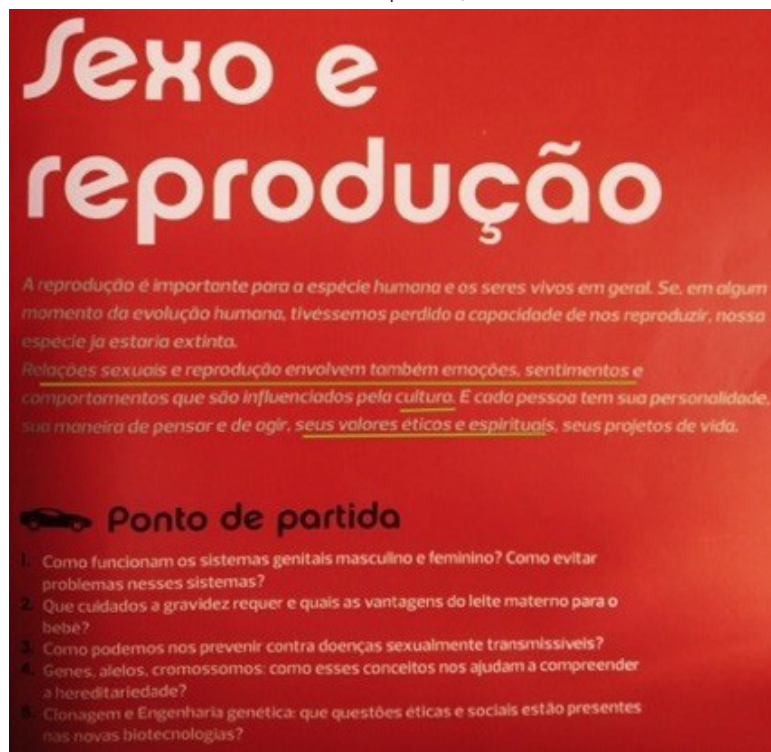
Ciências, religião

Direcionado pelo livro didático, no ensino básico obrigatório, fala-se sobre o corpo humano no oitavo ano, uma forma de organizar os conteúdos amplamente repetida nas salas de aula. Os sumários dos livros analisados no Plano Nacional do Livro Didático – PNLD de 2017 (BRASIL, 2016), indicam que o livro destinado ao oitavo ano do ensino fundamental maior é para trabalhar corpo humano em seus aspectos de organização e funcionamento, e é recorrente a existência de um capítulo para o sistema reprodutor em que se fala também sobre sexualidade, indicando o comportamento condizente com uma 'boa' saúde. O livro trazido neste texto é dividido em 4 unidades (1: Como nosso corpo está organizado; 2: As funções de nutrição; 3: A relação com o ambiente e a coordenação do corpo; 4: Sexo e reprodução), nos

quais estão distribuídos os sistemas que nos 'compõe'. É assim que dentro do que é considerado saudável, já aparece a ligação obrigatória de sexualidade à reprodução (Figura 01).

A sexualidade envolve muitas coisas. Inseparável do corpo biológico, um corpo cultural também aparece. Este deseja muitas outras experiências para além da perpetuação de um "gene egoísta", como diria Richard Dawkins. Embora o livro didático em questão apresente as "emoções, sentimentos e comportamentos, dos valores éticos e espirituais" (GEWANDSZNAJDER, 2015, p. 193), o ponto de partida, o foco, o direcionamento ficam nos aspectos biológicos. É o funcionamento do corpo, são as condutas corretas, são os genes. Vemos também como aspecto a ser trabalhado na unidade, a reprodução garantindo a continuidade das espécies, ela é a garantia de resistência ao tempo, se não do indivíduo, pelo menos da população, e isso é o que temos como verdadeiro hoje. Partindo do funcionamento, aprende-se a evitar problemas, doenças, gravidez, e termina-se entendendo o que é 'transmitido' via sistema reprodutor.

Figura 01: Página que abre a unidade 4 "Sexo e reprodução" (GEWANDSZNAJDER, 2015, p. 193).



Crianças que tocam em suas 'partes genitais' estão brincando ou exercendo uma outra forma de sexualidade? Sexualidade perpassa obrigatoriamente uma relação com o outro do sexo oposto? Felipe (2013, p. 59) nos diz que "a tentativa de dessexualizar as crianças é um fenômeno recente na história ocidental, pois até meados do século XVII meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todas as suas nuances". Esse suposto silêncio de uma sexualidade infantil não se traduz em ausência, "fala-se dela de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos" (FOUCAULT, 2015 a, p. 30).

Uma primeira inversão nos ditos sobre sexualidade é relatada por Foucault (2014 b), quando conta que nos gregos havia uma preocupação exaustiva com a dietética de tudo que envolvia os aspectos fisiológicos do corpo, cada detalhe do dia era descrito pelas diferentes escolas filosóficas, o que comer, quando, com atenção às estações do ano, se o quarto está claro ou escuro no momento da relação sexual, enfim, uma infinidade de regras. Para eles, é "o corpo que faz a lei para o corpo", e se as sugestões de condutas são direcionadas ao corpo, é que "trata-se, para a alma, antes de mais nada, de corrigir-se para poder conduzir o corpo segundo uma lei que é a do próprio corpo" (FOUCAULT, 2014 b, p. 165/166). Aqui é a alma que desvirtua o corpo, já a partir da idade média, é o corpo, com sua natureza profana, quem poderá colocar as puras almas na berlinda. Hoje, "a carne é fraca", naturalmente pecadora.

Outra inversão no que é dito sobre sexualidade é narrada por Correia (1999) e também por Foucault (2010 b), que a coloca como um acontecimento, algo que não entra para os livros oficiais de história, por não ser tão heroico. No início do século XVIII um panfleto anônimo circulou por alguns países europeus, chamado Onania. Nele são descritas várias doenças decorrentes da prática da masturbação, que "não é apenas um pecado contra a natureza, mas também um pecado que perverte e destrói a natureza, e aqueles que o cometem trabalham para a destruição de sua própria espécie e golpeiam, de certa forma, a própria Criação" (*Onania apud* CORREIA, 1999, p. 133). Não é só pecado, injúria sobre os preceitos divinos, é injúria sobre o corpo, criado e dado a nós por Deus.

A via de enfraquecimento do corpo são as enfermidades, é a porta de captura pela medicina. Segundo Correia (1999, p. 134) é aí "que reside a causa da mudança dramática de atitude com relação à masturbação durante a passagem do século XVII para o XVIII. O medo do pecado é uma coisa; o medo da doença e da morte é outra, bem diferente: menos grandioso, sem dúvida, porém muito mais efetivo". Embora entre para o discurso médico,

“ainda não se trata, de forma alguma, do que será a psicologia sexual ou a psicopatologia sexual [...], na medida em que a sexualidade aí está praticamente ausente” (FOUCAULT, 2010 b, p. 203). O foco é na doença ‘do corpo’, são as modificações, para pior, da aparência, da saúde, da vida.

O investimento na conduta “adquire a forma muito menos de uma análise científica [...] do que a forma de uma verdadeira campanha: trata-se de exortações, trata-se de conselhos, trata-se de injunções” (FOUCAULT, 2010 b, p. 204). São panfletos direcionados tanto aos masturbadores quanto às famílias, disseminando medo e novas técnicas de controle. Foucault (2010 b, p.204) continua dizendo que a construção da imagem perpassa também os museus de cera, comuns no século XIX, com exposições mostrando o antes e depois de jovem acometidos pelo mal, e “representava precisamente, em forma de estátuas, todos os acidentes de saúde que podiam acontecer com alguém que se masturbava”. A fisionomia da doença ficava marcada no corpo, e era preciso fazer ver para se deixar moldar.

Do pecado ao pecador, corpo inteiro se transforma, desde a origem, na identidade que ganha por pecar. Não é só uma eventualidade, a busca percorre a temporalidade corpórea para achar as pistas inscritas no corpo do pecador. Ele – corpo – inteiro é pecado, e desde o início. Foucault (2010 b) fala que a partir do século XIX, a medicina e as recém estabelecidas “psis” vão produzir uma rede discursiva que captura a criança, passa a dizer de sua sexualidade, descrevendo a forma correta e normal de ser vivenciada. A medicina, na nova figura dos psiquiatras e psicólogos, vai orbitar a família, já que

a cruzada contra a masturbação traduz a ordenação da família restrita (pais, filhos) como um novo aparelho de saber-poder. O questionamento da sexualidade da criança, e de todas as anomalias por que ela seria responsável, foi um dos procedimentos de constituição desse novo dispositivo (FOUCAULT, 2010 b, p. 288).

Assim a família inteira fica sob vigília das instituições médicas e religiosas, filhos para que não adoçam, pais para que exerçam suas funções educadoras de forma correta, eficiente, ambos dando forma a condutas. Nesse período a edificação do casal-heterossexual-casado como norma ganha camadas cimentícias das ciências médicas, e tudo que não contribui para colar da forma correta os tijolos da sexualidade e da reprodução, vai para os escombros da patologia. Assim,

ao longo de todo o século XIX, quatro figuras se esboçam como objetos privilegiados de saber: a mulher histórica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso, cada uma correlativa de uma dessas estratégias que, de formas diversas, percorreram e utilizaram o sexo das crianças, das mulheres e dos homens (FOUCAULT, 2015 a, p. 114).

Na infância, todos os olhares regulatórios se voltam para o que Foucault chamou de criança masturbadora. Pais e professores são os aliados na pedagogização da sexualidade infantil, vigiados em casa e na escola. O tempo é de aprendizagem, criança como tábula rasa a ser escrita, e com as letras certas. É que se sexualidade é entendida prioritariamente como veículo da reprodução, e no caso da reprodução sexuada dióica (na qual estamos classificados, os humanos), a falta é dupla, tanto do corpo do outro, para a junção gamética, quanto de seu próprio corpo, que ainda não está completamente formado.

Por se desvio da conduta considerada correta, o onanismo é considerado um comportamento que vai para o holofote, que precisa de um direcionamento institucional. O capítulo "Doenças sexualmente transmissíveis", do livro didático trazido neste trabalho, tem como objetivos conhecer as doenças que são transmitidas via relação sexual e seus modos de prevenção. Após expor nove delas no texto principal, entra um quadro chamado "Ciência e saúde¹" com informações divididas em 3 tópicos: "A garota; O sexo; O garoto" (GEWANDSZNAJDER, 2015). Com a apresentação na sequência descrita, nada mais tentador que relacionar qualquer coisa que se diga à doença.

Nos subtópicos "A garota e O garoto" (Figuras 02 e 03), são apresentadas, principalmente, as modificações que acontecem no corpo desencadeada pelos hormônios com a chegada da puberdade. Fala também sobre a higiene no período menstrual para as meninas e a limpeza correta do pênis para os meninos (e se culturalmente meninos não gostam de banhos, sugere-se uma atenção à boa higiene pessoal, já que hormonalmente os odores ficaram mais forte a partir dessa fase da vida). Sobre o tamanho do pênis? Não precisa preocupação, pois "a vagina é suficientemente elástica para se acomodar aos diversos tamanhos de pênis e sua parte mais sensível fica logo na entrada" (GEWANDSZNAJDER, 2015, p. 230). O uso considerado correto é guiado pela reprodução, logo as outras condutas ficam à margem.

1 Destinado à contextualização, importância e aplicação da temática do capítulo. Aparece ao longo do livro também como Ciência e sociedade e Ciência e tecnologia

Figura 02: Quadro com informações sobre as modificações no corpo dos garotos na puberdade.

O garoto

A puberdade começa quando uma parte do cérebro, o hipotálamo, estimula a hipófise a produzir certos hormônios. Estes, por sua vez, estimulam os testículos e os ovários a produzir seus próprios hormônios – que, na realidade, já estão presentes nas crianças, mas em baixa concentração.

No garoto, alguns hormônios liberados pela hipófise estimulam os testículos a produzir espermatozoides e um hormônio masculino, a testosterona.

A testosterona faz os órgãos genitais (testículos e pênis) crescerem, desenvolve a musculatura, aumentando a força física e tornando os ombros mais largos, e ainda engrossa a voz. No início desse processo a voz costuma falhar, ficando aguda em um momento e grave em outro, antes de se definir o timbre.

Nos meninos, a puberdade geralmente começa entre 9 e 14 anos. Se começar antes dos 9, deve-se consultar um médico para verificar se há algum problema. Um dos primeiros sinais da puberdade costuma ser justamente o aumento dos testículos e o alongamento e a descida do saco escrotal. Aparecem também pelos nas axilas, no peito e ao redor do pênis, na região chamada púbis (pelos pubianos). Os pelos dos braços e das pernas ficam mais longos e grossos. No rosto já se nota uma penugem que vai se transformando em barba.

so a voz costuma falhar, ficando aguda em um momento e grave em outro, antes de se definir o timbre.

Nos meninos, a puberdade geralmente começa entre 9 e 14 anos. Se começar antes dos 9, deve-se consultar um médico para verificar se há algum problema. Um dos primeiros sinais da puberdade costuma ser justamente o aumento dos testículos e o alongamento e a descida do saco escrotal. Aparecem também pelos nas axilas, no peito e ao redor do pênis, na região chamada púbis (pelos pubianos). Os pelos dos braços e das pernas ficam mais longos e grossos. No rosto já se nota uma penugem que vai se transformando em barba.

Unidade 4 • Sexo e reprodução **229**

A grande produção de hormônios estimula as glândulas sebáceas, tornando a pele e os cabelos mais oleosos. As glândulas sudoríferas também passam a produzir mais suor, que muda de cheiro.

O crescimento se acelera e o peso aumenta. O jovem pode se achar um pouco desengaçado, pois os braços e as pernas crescem mais rápido do que o tronco. Como cada garoto entra na puberdade em seu próprio tempo, é comum encontrar grandes diferenças de altura entre jovens da mesma idade.

Começa a produção de espermatozoides. A primeira ejaculação costuma ocorrer pouco antes dos 14 anos, geralmente como consequência da masturbação, ou mesmo durante o sono (polução noturna).

Todo homem nasce com uma pele que cobre a ponta do pênis: o prepúcio. Ao se lavar, o garoto deve puxar para trás a pele que cobre a ponta do pênis, do prepúcio, para evitar acúmulo de secreções e bactérias, que podem causar inflamação. Se o prepúcio for muito apertado e não for possível puxá-lo, deve-se conversar com o médico. Às vezes é necessário fazer uma circuncisão – uma cirurgia simples que retira o prepúcio. Em algumas culturas, essa cirurgia faz parte da tradição religiosa e é feita, em geral, alguns dias após o nascimento. Veja a figura 17.10.



Não circuncidado Circuncidado

A maior atividade das glândulas sebáceas pode provocar o aparecimento de espinhas. Nesse caso, deve-se manter a pele limpa para evitar infecções e lembrar-se também de manter uma boa higiene pessoal, já que o suor tende a aumentar. Não se deve espremer espinhas e cravos para não espalhar a infecção

pela pele. Com o tempo, as espinhas desaparecem. Mas, se piorarem muito, pode ser necessário consultar um dermatologista. Veja a figura 17.11.



Durante a puberdade pode haver um pequeno aumento dos mamilos dos meninos. É um fenômeno passageiro, que costuma desaparecer em dois anos (se persistir ou houver outros sintomas, é preciso consultar um médico).

A masturbação, isto é, o ato de manipular os órgãos genitais para obter prazer, é muito comum na adolescência (tanto em garotos quanto em garotas). Ela não prejudica a saúde nem é doença. É um modo de satisfazer o desejo sexual e aliviar tensões.

A masturbação tampouco esgota os espermatozoides, que são produzidos aos milhões todos os dias. A eliminação de esperma durante o sono, chamada de “sono molhado” ou polução noturna, também é normal.

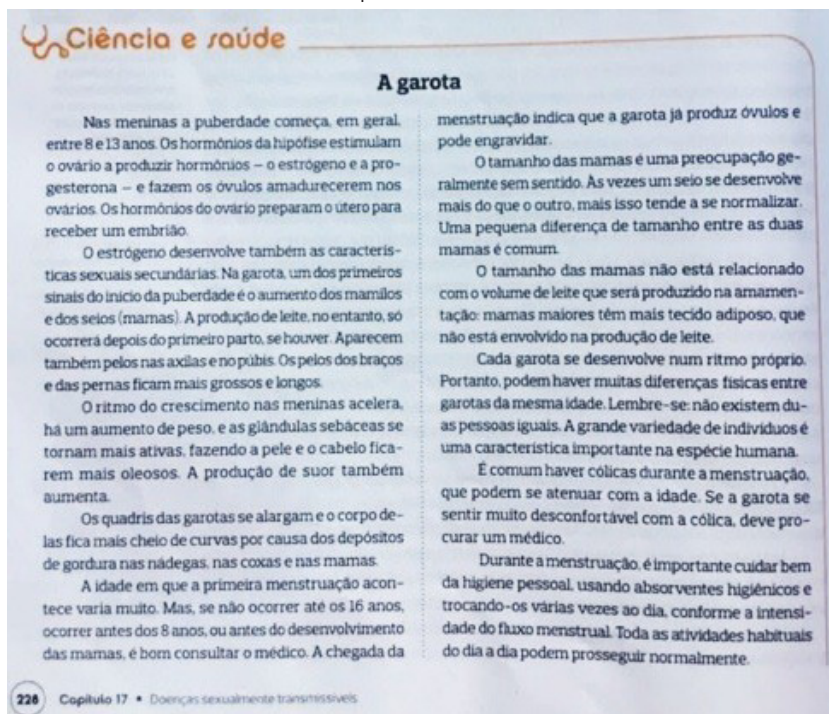
Uma preocupação comum no adolescente: o tamanho do pênis. Não são poucos os que acham que têm pênis pequeno. Nunca é demais repetir, porém, que o tamanho do pênis não é importante em uma relação sexual. A vagina é suficientemente elástica para se acomodar aos diversos tamanhos de pênis e sua parte mais sensível fica logo na entrada. Além de tudo, o prazer de uma relação sexual envolve todo o corpo e não apenas os órgãos sexuais. Depende muito também dos sentimentos e das emoções envolvidos.

Fonte: (GEWANDSZNAJDER, 2015, p. 229/230).

ISBN: 978-65-86901-31-3

3513

Figura 03: Quadro com informações sobre as modificações no corpo das garotas na puberdade.



Fonte: (GEWANDSZNAJDER, 2015, p. 228).

A masturbação é assunto no tópico “O garoto”, aparece para falar de sua ‘normalidade’ enquanto via de obtenção de prazer, enfatizando que não afeta a boa saúde, e que é normal em meninos e meninas. E por que não aparece no quadro delas? Masturbação masculina, além de apresentar um produto – ejaculação – pode ocorrer involuntariamente, com a poluição noturna, evento fisiológico normal que acontece com garotos. Só com garotos? A lubrificação vaginal também pode acontecer involuntariamente eventualmente, no sono. Como não produz nada, ou pelo menos não deixa rastros materiais visíveis aos outros, aparece como um lembrete à margem. A biologia precisa de formas e secreções, então fala-se dos seios, da ejaculação, das espinhas, menstruação.

Se agora a masturbação feminina é vestigial, outrora era não só autorizada como incentivada, desde que realizada em local adequado, por alguém especializado. O médico em seu consultório é quem poderia fazer uso da técnica – masturbação – com fins terapêuticos. Corbin (2012, p. 186) fala

que “pouco a pouco, a ciência médica deixa de considerar o orgasmo feminino como sendo útil à geração; a concepção passa a ser entendida como processo secreto, que não necessita de nenhuma manifestação de sinais exteriores”. É que antes, quando células e sistema reprodutor ainda não eram explicados aos moldes do que vemos hoje, acreditava-se que para a geração de filhos era fundamental que o corpo todo da mulher fosse aquecido, e o orgasmo feminino era considerado “como sinal de boa circulação dos humores e da abertura da matriz, dessa forma acessível à semente do homem” (CORBIN, 2012, p. 185). Em uma saúde que se baseava nos humores, tudo o que melhorasse sua circulação no corpo era estimulado.

Enquanto a ciência dizia que a masturbação favorecia a reprodução, ela cabia como terapêutica para as doenças das mulheres, mas ainda era considerada como a causa de enfermidades infantis. E nesse caso a terapêutica podia envolver ações mais invasivas. Foucault (2010 b) descreve uma série de intervenções que vai de camisolas com cordões, corpete de metal trancado com cadeado, passando por injeções de ácido no pênis e ablação do clítoris. Aqui o espaço hospital ainda está se constituindo, e a casa é um local de ação médica, com o entrelaçamento do poder dos pais e do médico na construção de um saber que será o normal sobre a sexualidade.

Pais vigiam, e em caso de desvio, médicos intervêm. No livro didático, a colocação do quadro no capítulo das doenças nos diz do cuidado, da vigilância constante, que não é só do jovem, perpassa os consultórios também, da responsabilidade médica caso não ocorra como o descrito pelo livro. A medicina vai dizer o que é certo para o corpo, que logo se torna normalidade moral.

É assim que a criança não é, ela ainda vai ser alguém. A meta: ser adulto-maduro, corpo fisiologicamente apto a exercer uma ‘boa’ sexualidade. Ela precisa crescer, mas o tamanho pouco importa, é a reprodução, no tempo que a sociedade determina como bom, claro! Gravidez na adolescência, é problema, e de saúde pública, já que entra na escola com discurso de prevenção, e ganha um capítulo inteiro sobre os métodos para evitá-la. Mais que isso, uma semana no calendário escolar institucionalizada para discussão. A lei 13.789, sancionada em janeiro de 2019 cria um novo artigo no Estatuto da Criança e do Adolescente determinando que ações preventivas sejam desenvolvidas na escola por diversos setores sociais, na “Semana nacional de prevenção de gravidez na adolescência”.

Já na vida adulta é permitido, desde que devidamente controlado e enquadrado pelos programas de planejamento familiar. Jacob (1983, p. 10) fala que “um organismo é apenas uma transição, uma etapa entre o que foi e

o que será. A reprodução é ao mesmo tempo sua origem e seu fim, sua causa e seu objetivo.” Uma **vida** guiada pela forma correta (fisiológica e evolutiva) e autorizada de se **reproduzir**.

Considerações finais

Sexualidades que são colocadas na marginalidade, e com esse movimento, uma necessidade de correção. Entre pecado e doença, a ciência e a escola são chamadas para outorgar uma sexualidade ‘correta’, aquela que direcionada para a reprodução, para além de do ‘misticismo’ religioso, é a ‘certeza’ da ciência.

A reprodução é vista como a teleologia involuntária da vida. Aqui em seu aspecto interno, funcional, com a fisiologia possibilitando ao corpo as ferramentas biológicas para exercer a sexualidade com fins reprodutivos. Pensar assim, é assumir o que Gould (2004, p. 47) chama de hiperselecionismo, atribuindo o pensamento a Wallace, e que não nega “que a natureza tenha suas harmonias. Mas a estrutura também tem suas capacidades latentes. Construída para uma coisa, pode fazer outras – e nessa flexibilidade residem ambas, a confusão e a esperança das nossas vidas”. Ficar com o início e o fim é esquecer o meio. O que não cai nessa malha? Que não tem como suporte o tripé forma-função-reprodução?

Referências

BRASIL. **PNLD 2017**: ciências – Ensino Fundamental anos finais. Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. <https://www.fnnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/125-guias?download=9919:pnld-2017-guia-ciencias> Acesso em 12 de novembro de 2019. Brasília, 2016.

CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo 2**: da revolução à grande guerra. (Trad. João Batista Kreuch, Jaime Clasen). 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORREIA, Clara Pinto. **O ovário de Eva**: a origem da vida. (Trad. Sonia Coutinho). Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantil. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Curso no Collège de France 1974/1975. (Trad. Eduardo Brandão). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 (b).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque). 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014 (b)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015 (a).

GEWANDSZNAJDER, F. **Projeto Teláris**: ciências: ensino fundamental 2. 2. ed. São Paulo: Ática, 2015.

GOULD, Stephen Jay. **O polegar do panda**: reflexões sobre história natural. (Trad. Carlos Brito e Jorge Branco). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JACOB, François. **A lógica da vida**: uma história da hereditariedade. (Trad. Ângela Loureiro de Souza). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.